



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 5 de março de 1854 – Edição 10

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1053>

3º ANNO.

TOMO V. – DOMINGO, 5 DE MARÇO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina da capa

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Que saudades do Carnaval! Lá foi-se! Passa por nós como uma nuvem que vai soprada pela ventania, e despede-se para não voltar senão depois de um anno. Até mesmo na sua despedida é alegre e folgazão; sempre com seus ditos espirituosos, sempre com suas intrigas delicadas, sempre mascarado e mysterioso. Este anno então nem nas ultimas horas da partida derramou as lagrimas dos annos anteriores, que, comquanto cheirosas, nos fazia espirrar.

Assim foi bom; não rasguei meus vestidos, nem fiquei constipada; e, como eu, muitas de vós, minhas leitoras; pelo menos aquellas que encontrei no Provisorio e no baile do *Club Fluminense*, e muitas outras que preferirão *S. Pedro*, o *Paraiso* e a *Nictheroyense*.

Queria contar-vos como diverti-me, e o que fiz desde sabbado passado; mas sou obrigada a calar-me, obrigação imposta pelo titulo deste artigo – *modas* –, que manda-me fallar sómente sobre os *toilettes* que vi, e que apparecêrão nos diversos bailes que houveram.

Sinto ter de dizer-vos que só um me satisfez. Eu vi-o no salão do *Club* trajando um bello corpo de dezesete annos. Vistes a estampa que vos apresentei no numero passado? Pouco lhe faltou para ser a cópia completa delle. A cabeça era inteiramente a mesma: o mesmo penteado à *Eugénie*, grinalda de *funccias* encarnadas, collocadas no mesmo lugar. O vestido era de seda

branca, de tres saias como o da estampa, guarnecidas de fita larga escoceza: a mesma berthe, as mesmas mangas fofas, os mesmos laços de fita côr de rosa.

Com um vestuario de *Bergère Watteau* não vi nenhuma. Comtudo vi muitos *toilettes* lindos nesse baile, e nos camarotes do Provisorio. Lembra-me de um que estava na 2.^a ordem, na noite de sabbado, de uma linda mocinha casada ha poucos dias.

Não me metto a fallar dos *dominós* e dos vestuarios dos mascarados, porque não terminaria hoje. Devo porém mencionar *dous dominós* côr de rosa que vi no Provisorio, muito ricos, muito bem trabalhados, e que, ao mesmo tempo que envolvião dous corpinhos de sylphides, desfigurando-os, davão-lhes um certo molde que encantava e fascinava.

Fallando em vestuarios de homens, o unico que para mim teve valor foi um que caricaturava a *moda* existente. Mas infelizmente o espirito desse mascarado só consistia nas roupas: foi ao meu camarote, fallou comigo, e então vi que era desengraçado e aborrecido, e o quão mal empregado tinha sido o vestuario.

Não noteis a transição rapida que vou fazer, porque nisto acompanho a *moda*, cuja passagem do Carnaval á Quaresma é tão ligeira que não se póde descrevel-a sem essa circumstancia.

Ha poucos dias um *toilette* de fantasia percorrendo os salões dos bailes mascarados; agora um *toilette* preto prosternado junto aos altares dos templos. Ha poucos dias as intrigas do Carnaval, os *tours d'esprit* dos mascarados, a vida descuidosa desses tres dias de tradições antigas; agora as orações da Quaresma, as devoções dos religiosos, o recolhimento e a concentração d'alma desta época tão recommendada pelo christianismo.

E' que o vestuario é muitas vezes a traducção do sentimento; é que a *moda* não é uma cousa sem expressão nem fundamento.

Alguem já vos disse que pelo *toilette* se ia conhecer o coração da mulher que o trajava, os seus gostos os mais caprichosos, os seus segredos mais reconditos.

E' uma pura verdade. O dia seguinte, a quarta-feira de cinza, já nos deu provas disso: as janellas dessas immensas ruas por onde passou a esplendida Procissão de Cinza estavam ornadas de *toilettes* pretos, e os homens tambem trajavão de preto; é porque uma época de seriedade substituiu a dos folguedos do entrudo.

Quizera dar-vos hoje uma estampa apropriada ao tempo e aos nossos costumes; mas infelizmente não se pode realizar este desejo. Como já sabeis de ha muito, é esta a estação dos bailes e theatros em Pariz; seus figurinos portanto são feitos para este fim; mesmo porque a boa sociedade parisiense, assim como nós, conhecendo o respeito que se deve ao templo de Deus, sabemos que o *toilette* preto é o mais grave para uma visita de tanta circumspecção. E o *toilette* preto dispensa por certo um figurino.

Offereço-vos pois dous *toilettes*, cuja descripção melhor os explicará.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA

TOILETTE DE BAILE – O penteado compõe-se de dous bandós, um em pasta, ondeado adiante; outro fofo, liso, enrolado para baixo. Um *bandelette* de *moire* escarlata enfeita a frente da cabeça e passa por baixo dos bandós fofos, para se atar atraz e cahir em pontas fluctuantes. Uma rosa encarnada com botões, sem folhagem, está collocada de um lado, sobre o *bandelette*, e junto á raiz do bandó esquerdo.

Vestido de *moire antique*, corpo meio decotado, quadrado adiante. Uma *berthe* de blonde guarnece a frente do corpo de ambos os lados, quasi unindo suas pontas na cintura e alargando progressivamente sobre as espadoas e costas.

Um estreito fofo de filó contorneia o corpo e orla os lados da *berthe*.

A saia de *moire* é guarneçada de tres volantes de blonde desde o talho da cintura.

Estes volantes se ajustão por baixo de um fofo de filó, que os fixa sobre a saia, e vem da cintura alargando-se pouco a pouco até abaixo, deixando apparecer a saia na frente em avental.

Tres bellos laços de setim branco enfeitão o meio do corpinho.

A frente da saia é coberta de iguaes laços de setim, postos sem symetria, tornando-se maiores gradualmente á proporção que vão-se approximando á baixo.

TOILETTE PARA THEATRO – Penteado composto de blonde, flores e fita.

Este penteado, que é uma especie de touquinha, colloca-se muito cahido para atraz, apanhando apenas um terço da cabeça e a trança, que deve ser amarrada muito em baixo para este fim. Bandós fortemente ondeados simulando canudos.

Vestido de tafetá e veludo *épinglé* com enfeite de pennugem de avestruz.

O corpo é aberto adiante de alto a baixo; nas costas é meio-afogado e talhado em V. Os lados são guarnecidos de um revezo formando berthe pontuda atraz, de veludo *épinglé*, enfeitado por uma guarnição de pennugem, descendo em pontas sobre a saia.

O corpinho é de tafetá.

A manga se compõe de um fofo de tafetá, e depois de outra manga larga, solta, fendida adiante, descendo ao cotovello, de veludo *épinglé*, orlada toda de pennugem.

Um peitilho, feito de volantes de blonde, enfeita a frente aberta do corpo. A saia compõe-se ao alto de dous terços de tafetá e um terço de veludo. A junção do tafetá e do veludo é disfarçada por uma guarnição de pennugem de avestruz formando ondulações em toda a volta da saia.

A DESDITOSA.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 9)

VI.

A TENTATIVA.

Estou prompto para receber as ordens do meu illustre senhor, diz o mordomo inclinando-se.

— Chama-me Silvano e Gervasio, com pressa.

— Sim, excellentissimo.

Os instantes lhe parecião seculos; os criados



nunca se persuadiram que um tal personagem se impacientava com sua demora; afinal ouviu-se um tropel confuso de passos subterraneos com direcção á escada secreta.

— Silvano?... Gervasio?

— Senhor!

— Venham mais ligeiros.

— Aqui estamos, excelentíssimo.

— Dize-me: se eu me propuzesse a fazer tua fortuna...

— Seria muita bondade da parte de V. Ex., disserão os dous ao mesmo tempo.

— Porém debaixo de algumas condições, sendo vocês obrigados a cumprirem o que eu lhes ordenar.....

— V. Ex. fará o especial favor de communicar-nos o que pretende que executemos.

— O dinheiro que os deve tornar felizes receberão logo que o delicto seja commettido, e sem perder tempo se embarcarão.

— Muito bem!... mas V. Ex. ainda não declarou qual era o negocio.

— Não sei mesmo se deva depositar em vocês tanta confiança!... Trata-se nada mais, nem menos..... sim!.... nada mais nem menos do que darem algumas pancadas com um sacco de areia em um individuo que hontem insultou-me na rua: terão vocês coragem para fazel-o?

— É bom ver, excelentíssimo senhor. Mas estamos indecisos por nos faltar o dado principal da questão, sem o que nada poderemos obrar.

— Conhecem um tal Sr. Dr. Borges?

— O Dr. Borges, que chegou ha dias de Coimbra? interrogou Silvano.

— Sim, esse mesmo.

— Conhecemol-o perfeitamente.

— Eu quero que este homem morra.

— Estamos entendidos.

— Amanhã vocês o esperarão pelas oito horas da noite na porta do lado occidental.....

— E amanhã mesmo receberemos o dinheiro que V. Ex. fez o especial favor de prometter-nos? interpellou Gervasio.

— Logo que o acto seja consummado.

— E que garantia me dá V. Ex. para este bico d'obra?

— A minha palavra.....

— V. Ex. permite fazer-lhe uma objecção?

— Faze-a.

— Eu quizera que V. Ex. passasse um papel.

— Desconfias de mim, biltre?

— Não, excelentíssimo, nada de desconfiar; mas é que as minhas palavras forão mal entendidas. Desejo ter o papel por uma razão muito simples; e vem a ser que a policia póde, intervindo no capitulo, trancafiar-me na cadeia; ora, não havendo papel algum que comprometta a V. Ex., seremos esquecidos, e lá apodrecerem com toda a nossa riqueza, o que não só nos não é útil, como não é lá das melhores cousas existir vegetando entre grades e correntes, com privilegio de papagaio. Outro tanto não sucederá se existir algum excitante que estimule a attenção de V. Ex.

— Tens razão; acho muito justo.

Sentou-se á uma mesa, e escreveu algumas linhas, que entregou aos criados.

— Mas, excelentíssimo, falta a assignatura.

— Esquecimento...

— Deus me livre delles!

O morgado assinou e entregou o papel, despedindo os criados.

— São mais expertos do que me persuadia; mas não importa, elles ficarão de peor partido: dar-lhes-hei um destino seguro. Agora quem dirá que minha vingança não é certa, e Ignez minha de corpo e alma?

Silencio de tumulto lhe respondeu, repercutindo o som daquella voz infernal.

VII.

A MORTE.

O dia amanheceu puro e bello. Douradas nuvens orlavão o horisonte onde se escondia o rubro sol dando passagem á linda Venus da noite. Seu pallido reflexo argenteava o cume dos altos montes; o mar cristallizado de branco e verde preguiçosamente desenrolava suas fracas ondas sobre a praia com doce e brando gemido.

Uma casa continuava a estar allumiada em todos os sentidos; vião-se cavalheiros e damas passarem por junto das douradas paredes: todos estavam presentes, menos Amancio.

— O que estaria elle fazendo? perguntou Julio com os olhos incendidos de raiva.

— Vais ver. Sentado á uma mesa com uma carta na mão, Amancio ri-se como um possesso. Tinha conseguido falsificar uma carta, que dirigia a Borges, em nome de D. Ignez, e da qual esperava todo o desfecho ao seu infame trama. « Bom, dizia elle esfregando as mãos de

contente, mando dizer-lhe que todos estão entretidos, e que, aproveitando este momento, elle poderá ser feliz se o quizer..... Esperemos.»

Com effeito, Amancio dizia a verdade. Logo que a carta foi entregue ao Dr. Borges, este principiou a vestir-se; e, todo esperanças e alegrias, nem ao menos lembrou-se de uma arma que podesse empregar em sua defeza.

Um fino chicotinho de unicornhe lhe completava o *toilette*. Erão oito horas; os dous malfeitos estavam no seu posto, quaes ursos sanguinolentos á espera de sua incauta victima.

Amancio reconheceu-o á claridade da lua, e muito satisfeito na apparencia se mostrou no meio de seus adoradores. O desasocego de espirito o inquietava: elle temia que a sua emboscada fosse burlada: duvidava do que tinha escripto. Dirigiu-se para a janella e seguiu o desditoso doutor até seu desaparecimento no angulo que fazia a casa.

Tudo vai ás mil maravilhas.

Poucos instantes se passarão que a policia não dêsse o signal de alarma:

— Pega os assassinos!

A luta tinha sido encarniçada, porém o doutor succumbiu á traição; nem um só gemido, nem um grito; nem um suspiro se ouviu. Pelejou e pereceu como homem valoroso. O corpo da victima arquejante foi levado para a sua casa, e

— 76 —

recebido no meio das lagrimas e dos soluços, e de seus labios só uma palavra se ouviu antes do ultimo suspiro: « Traição.... ella... é... in... no.... cente.... o meu.... as.... sassino.... é.... Aman... cio..... » E expirou.

— Malvado! infame! diz Julio fóra de si de indignação. Cobarde!

— Elle ficou em sua casa como se nada tivesse acontecido; ao menos não mostrava, continuou o velho.

— E ella? e ella? perguntou Julio ancioso.

— A's duas horas da madrugada os convivas se despedirão; as luzes pouco a pouco se forão extinguindo; as portas e janellas se fecharão, e tudo permaneceu em silencio.

Os assassinos se tinham evadido, e no dia seguinte se apresentarão impunemente reclamando seu salario, ao que Amancio promptamente satisfez; porém tratou de mandal-os recrutar para marinheiros da armada: nunca se teve mais noticia delles.

No dia seguinte, com a noticia publicada pelos jornaes, do assassinato do Dr. Borges na occasião que entrava em casa de Amancio, D. Ignez comprehendeu a extensão das palavras ironicas de seu esposo — e enlouqueceu.

Os commensaes dizem que Amancio nenhuma parte tinha no assassinato, e portanto elle estava livre e passeiando impunemente.

Com a loucura da desditosa Ignez, Amancio retirou-se para um dos arrabaldes da cidade denominado *Capella*. Uma vez por outra apparecia pela cidade; porém não se sabe ao certo noticias de D. Ignez.

— Provavelmente esse homem deveria succumbir ao peso de seus tramas infernaes, replicou Julio fóra de si. E um malvado semelhante passa desapercibido aos olhos da policia, só por ser rico e poderoso!... Oh! isto é infamante!

— O Barão....., prosegue o velho, tem feito todo o possivel para occultar este segredo, e consta-me que tem derramado lagrimas bem amargas, e que se confessa arrependido por ter entregado sua sobrinha á um monstro.

E ella, tão formosa e tão descrida da sorte!... nasceu como a flor abandonada!... como ella, entre os espinhos se mostrou radiante de belleza, e tristezinha terminou a sua sorte desventurosa!.....

Demetrio Acacio Fernandes da Cruz

POESIA.

CORINNA.

Tu foste como a lava de perfumes
Que esgotára um milhão de poesia,
Derradeira explosão de uma cratera
Onde a baga de amor se refervia.

Teus encantos pairarão n'outra esfera,
Gentis espaços entre Deus e o mundo;
Erão vapores tepidos que erguião-se
Do coração a um 'spirito profundo.

Tu viveste n'um Céu – mundo encantado,
Tão bella com tuas vestes de visão,

Foste a filha de um cerebro divino,
Talvez do palpitar do coração.

Uma estrella nas nuvens foi tua patria,
Foi a mente de Stael inspirada:
E tua vida, Corinna, foi um sonhos,
Fantastico episodio d'uma fada.

A fantasia te traçou as fórmulas
Em linda argila, fada te moldou.
O genio foi a luz que coloriu-te,
Que de gloria e belleza te enfeitou.

Foste a idéa de Deus que se encravára
N'uma alma – em que imperava o sentimento,
Epopéa de um estro apaixonado
Foste apenas, Corinna, um pensamento.

Tinha o rosto da belleza,
Tinha o corpo da volupia,
Andar e gestos da graça,
Tinha o cerebro do genio,
Coração do sentimento,
Mas a sina da desgraça.

Tu subiste ao capitolio,
Throno excelso do poeta,
Onde Petrarca subiu;
Essa grinalda do Tasso,
Que engrinaldava um cypreste,
Tua linda fronte cingiu.

Ficaste um anjo, Corinna,
Com tua fronte engrinaldada,

Rainha da poesia;
Com teu sorriso de virgem,
Com teu olhar inspirado,
Rodeada de magia.

— 77 —

Eras a imagem modesta
Da Margarida do Gœthe,
Em teu throno magestoso
O capitolio orgulhou-se,
Perfumado de tuas vestes,
Do seu peso tão mimoso.

E de lá, quando avistaste
Esse pallido mancebo
Que parecia soffrer,
Disse-te Deus, ó Corinna,
Que por elle, que adoraste,
Tu havias de morrer.

S. Paulo, Julho de 1853.

Leonel d' Alencar.

DEVANEIO.

Sempre, sempre a gemer! – O meu passado,
Triste echo d'um gemido magoado,
Fallando amores,
Da flor da vida tira-me os perfumes,
E dá-me no futuro negras nuvens
Que dizem – dissabores!!

E não póde o pensamento ter já fé

Nessa *flor da esperança*, tão mimosa,
Pois surdas magoas n'alma accumuladas
Fazem a vida p'ra sempre desditosa!!

Mas qu'importa-me a vida sem encantos,
Se encantos já não posso eu gozar?
O amor!... a esperança!... tudo morto!!...
Para que mais encanto inda sonhar?!

Oh! poupai-me, meu Deus, mais padecer,
Sofrer como outr'ora:
Eu só desejo agora
Na crença do SENHOR, com DEUS morrer!!!...

Petropolis, 26 de Janeiro de 1854.

Innocencio Rego.

A FELICIDADE NO CÉO.

Era noite; a lua caminhava no Céu mysteriosa e triste como as saudades de uma mulher á quem se ama em segredo, e mil scintillantes estrellas enviavão á terra sua luz frouxa e encantadora; dir-se-hia que erão os olhos dos seraphins, luzindo na abobada celeste.

Era uma noite dessas que convidão o homem a meditar; que inspirão ao poeta um canto, que arrancão á virgem um suspiro, ao infeliz uma lagrima sentida; era uma noite de luar, mas de um luar embaciado e melancolico.

Harpas sonoras parecião resoar no espaço em branda melodia, tão branda como o olhar amortecido de uma donzella que sonha acordada nas delicias de seu primeiro amor: erão talvez os suspiros dos amantes infelizes que soando em harmonia semelhavão os accordes de uma musica divina. E essa musica embriagava; e essa melodia encantava, mas entristecia; ouvindo-a, o poeta ancião curvára a fronte veneranda, pensando perceber os derradeiros accentos do genio que na passagem do mundo para sua patria cantava um hymno de despedida e de saudades.

As aguas do lago serenas e perfumadas pelas flores das verdes margens suavemente repetião as notas encantadoras que soavão nos ares, e as florestas de além, cidades gigantescas

do selvagem, de leve movião os cumes sussurrando com brandura, como se também soubessem sentir a placida dôr do coração.

Tudo era poesia, tudo amor, tudo saudade; ali o ente sensível deixára de ver a terra para enxergar o céu; contemplára o lago e crêra divisar almas bemaventuradas correndo em suas águas de prata com um doce sorriso nos lábios; fitára a lua, e se lhe afigurára avistar um archanjo que velasse solícito e terno pela ventura dos infelizes que lá em baixo — na terra — soffrião; ouvira a musica maviosa da noite, o sussurro brando das arvores, o murmurio cadenciado das águas, e parecera-lhe adormecer embalado pelo concerto das creaturas de Deus. — E elle seria feliz, seria venturoso, porque teria um coração que amasse, porque nessa lua adoraria sua virgem, a inspiradora de seus hymnos; nessas estrellas os satellites de sua adorada; no lago, nas flores, nos hymnos, encantos que devião abrilhantar-lhe o solio, homenagens que á Ella prestavão como a rainha do amor.

O homem positivo, a alma de gelo, o coração de bronze não passára impassível por ahi; não vira isto tudo, e déra um sorriso de desdem; não! alguma lembrança lhe esvoaçára pela mente e elle sentira, porque as cordas do sentimento não estalão de todo no peito humano, e nem a luz do Senhor deixa em perfeitas trevas a alma de seus filhos. Quando aquellas se affrouxão muito, o homem cessa de viver para espojar-se como a fera no lodo da terra, para bramir tripudiando sobre as folhas podres da floresta, e ainda assim — tem elle o arrependimento, que é o segundo baptismo para o criminoso.

Era uma noite de luar, e de um luar embaciado e triste.

A' beira do lago estava um vulto vestido de

— 78 —

branco; era uma mulher que meditava sentada na relva macia da campina. De longe a tomarião por uma fada ou por uma dessas virgens dos ultimos amores que vem adoçar com seus sorrisos os poucos instantes de vida concedidos ao Indio prisioneiro.

Era uma mulher, e muito bella; tão bella como uma grinalda de noiva, como o sol a romper n'alva, como nosso primeiro sonho de amor, como as esperanças de uma alma de poeta no expirar da adolescencia; e ella meditava olhando para a lua, se é que um coração de virgem aos dezeseis annos pensa e não sente só, medita e não ama apenas.

O que sentia... era segredo que só ella e Deus sabião! o que pensava... também era um segredo; e os segredos de virgem não se profanão divulgando-os ao mundo, confiando-os aos

homens; quando muito um só os ouve, ou os percebe n'um olhar, n'um sorriso, ou n'uma lagrima furtiva.

Ella se acolhêra ao seio da solidão, e esta a envolvia com seu manto protector, porque é a maior amiga de quem sente, de quem ama e quer pensar livremente em seu amor, de quem soffre e deseja soluçar desimpedido para alliviar as amarguras; porque é emfim a sacerdotisa do templo do sentimento.....

Mas por pouco tempo esteve a sós a pensativa, um canto longiquo se fez ouvir quasi confundindo-se com a musica aerea e com o côro do lago, e alteando pouco a pouco ao approximar da florida margem.

Leve canoa cortava de manso as aguas, que gemião em seus flancos, como que queixosas por virem assim interromper a placidez em que jazião: nella alteava-se outro vulto, era o de um homem, e esse homem cantava, porêem seu canto commovia como a endeixa dos tristes á que se mesclassem raras notas de alegria.

Ao ouvir os primeiros e abafados sons desse cantico, a virgem estremeceu; sorriso angelico passou-lhe pelos labios, seus olhos, desprendendo-se da lua, fitarão-se no extremo do lago, lá d'onde vinhão os sons mysteriosos, e forão acompanhando a canoa até que ella chegasse á margem demandada.

O nocturno navegante deixou o fragil lenho, e com passos ligeiros veio lançar-se aos pés da creatura angelica que ali o esperava.

Ella sorriu-se ainda, mas com um sorriso que magoava, que fazia pensar n'um paraíso onde houvesse a felicidade na tristeza, a ventura na melancolia.

E elle? Com os olhos fitos nos della, apertando entre as suas aquelas mãos divinas, extatico, transportado ao mundo do amor e da poesia, parecia viver com a contemplação de seu rosto, alentar-se com o seu sorriso, respirar o seu bafo ambalsamado, alumiar [inelegível] olhos.

Porêem, não bastava o olhar, não bastava o gesto, nem o sorriso; elle carecia fallar-lhe, porque a falla é a mensageira do coração, assim como os anjos o são de Deus; e fallar á quem se adora não é só um bem, é uma necessidade tão grande como o orvalho para as plantas, a luz para o homem, o ideal para o poeta. E elle fallava-lhe:

« Ainda tenho mais esta noite de ventura, ainda te vejo por alguns momentos, ainda posso suspirar a teu lado e gozar de infindas delicias, protegido por esse astro que nos esclarece, acalentado pela musica da natureza que te saúda n'um côro harmonioso e triste.

« E tu, oh! tu és sempre a mesma, sempre melancolica e bella como o raio amortecido do crepusculo, como a face dessa lua que caminha vagarosa no Céu! Quando te olho, suspiras; quando te fallo, gemes; quando aperto tuas mãos entre as minhas, sinto que nellas cahe uma

lagrima manada de teus olhos? Se te pergunto porque suspiras, porque gemes, porque choras, tu nada me respondes e apontas para o Céu; se te fallo do nosso amor, de minhas esperanças, da felicidade que nos aguarda, ainda olhas para a abobada azul e murmuras com um sorrir que dóe — o Céu! »

E a virgem que o ouvia murmurava de novo — o Céu! e seu sorrir era mais doce e mais repassado de tristura, como o sorrir da santa nas horas do passamento.

« Amas-me, eu bem o sei, tornava o mancebo; deixaste o solio de anjo para vir perfumar o peito de um homem, allumiar-me o espirito e abrir-me as portas do paraíso..... mas porque estás triste quando a teu lado vivo n'um extasis de amor? Tens talvez saudades do Céu, e é por isso que apontas para elle? Que outro céu desejas além deste em que agora estamos? que outras alegrias, que não a de dous peitos que batem juntos? Queres cantos? Eu t'os darei, apaixonados; cantos de fogo, hymnos de entusiasmo! Queres servos que te obedeçam? Eis-me a teus pés!..... Queres amor? oh! como o meu não ha, nem houve nunca, e os affectos todos dos anjos não igualarão os sentimentos de minha alma! serão como o lago para o oceano, como a noite para o dia, como a morte para a vida. Dize-me, porque gemes? »

E outra vez a palavra – Céu – soou mysteriosa; era ella que outra vez fallava, triste como o echo mavioso da noite, como a musica que soava no espaço. E elle reclinou a cabeça, beijou com veneração essa relva em que pisava a virgem, e duas lagrimas sentidas lhe corrêrão pelas faces.

Uma nuvem negra ia acobertando o astro nocturno; era o véo de luto, os vestidos de dó que ia trajar a senhora da noite.....

Então levantou-se a virgem.

« Não vês? não vês? disse com voz abafada; lá some-se ella, lá a cobre manto escuro e impenetravel..... Que é de sua luz, que é da formosura da terra, que é da praia do lago, do brilho das flores? – Morreu tudo! fica apenas o Céu, e é o Céu que nos espera..... Vem, que lá está a felicidade verdadeira, lá está a luz que nunca se apaga, o sol que nunca morre, a eternidade que nunca é manchada pela dor! »

E, tomando o amante pela mão, corria para a beira do lago, como se fôra para uma sala de festim ou para um leito de assücenias; apoz

ouviu-se o ressoar mais triste da harmonia da natureza, o sussurro das aguas mais gemebundo, como se entoassem a musica do passamento, e o ruido longiquo da floresta.

E ao reaparecer da lua uma canoa vagava ás tontas pelo lago; fluctuava ao longe como que o véo branco de uma donzella, e no Céu brilhavão mais duas estrellas.....

Erão dous peregrinos que perdia a terra, dous anjos que partião para junto do Senhor.

Costa Pereira.

MULHERES CELEBRES.

E

(Continuado do n.º 9.)

ESTHER CHAPONE, nasceu em Northampton em 1716, morreu em 1791. Muitas são as composições que a Inglaterra deve a esta illustre litterata; porêem a que mais honra lhe dá, e grangeou-lhe a reputação entre os sabios, foi a intitulada: *Cartas sobre a cultura do espirito, dirigidas a uma joven*. As primeiras linhas que traçou sua mão, forão as impressas no *Adventurer* com a epigraphé – *Historia interessante de Fidelia*. *Esther* sabia empregar á proposito os thesouros de sua lingua, e particularmente na poesia; em uma collecção de escriptos seus sob o titulo *Miscellanea*, encontrão-se versos, que bem evidenciarão o que dizemos.

ESTHER ENGLISH, celebre pela perfeição com que escrevia. Existem algumas de suas obras, as quaes são muito procuradas, todas em manuscripto, ornadas com retratos, grinaldas, flores, etc., feito tudo á penna. Uma das mais curiosas é a que denomina-se: *Estancias sobre a vaidade e inconstancia do mundo, escriptas por Esther English no 1.º de Janeiro de 1600*.

ESTEPHANIA FELICIDADE DE SAINT-AUBIN, *condessa de Genlis*: insigne litterata, uma das mais brilhantes capacidades das que honrão a França: escreveu 80 volumes contendo *romances, poesias, etc*. Entre nós são bem conhecidas as seguintes obras: *Adelina e Theodoro*; *Serões do castello*; *Mademoiselle de Clermont*; *Theatro de educação* e as suas *Memorias*, que, não obstante conterem pequenos defeitos, todavia ninguem deixará de prezar a memoria de sua autora.

EUDOXIA MACREMBOLETIS, mulher do imperador do Oriente Constantino Ducas, e depois do Romano Diogenes, á quem fez subir ao throno. Morto seu segundo marido, e estando rodeada de inimigos e de competidores, foi por ordem dos grandes do imperio degradada para um convento (1071). Existe della uma obra polygraphica com o titulo de *Jonia*.

EUPHROSINA ANEN, poetisa allemã; nasceu em Colberg em 1677, morreu em 1715: sabia as linguas grega, latina e franceza. Escreveu: *Poesias*, em latim e allemão.

EURYDICE, mulher illyriaca, que Plutarcho apresenta como o modelo das mãis. Apezar de habitar um paiz barbaro, e de se achar em uma idade avançada, *Eurydice* chamou a si os livros, compulsou todos os autores, estudou dia e noite sem descanso para poder dar aos filhos uma educação perfeita. « Das mãis, disse ella em um dos seus escriptos, parte a bondade dos filhos. Ai daquellas que julgão ter cumprido a sua missão dando-lhes a vida, e o sustento do corpo!... Perderão sem duvida o titulo prezado, e nada mais lhes competirá do que o nome de *madrastas*. A alma antes de tudo; é ella o que primeiramente se precisa cultivar: a saude da materia, sem a do espirito, torna um ente imperfeito, um miseravel! Quando pois se julga a tarefa concluida, é quando ella começa; pois que ao elevar-se o arbusto, e não quando elle nasce, é que se lhe deve dar uma forma perfeita. Emquanto a semente jaz na terra, depois mesmo de brotar, procura-se salvá-la dos rigores do tempo; mas, adquirindo a planta alguma força, são necessarios maiores cuidados, porque o que cresce torto sempre torto se conservará.»

Celebrisarão-me mais, como litterata: *Esther Piozzi* (nasceu em Roswell em 1759, morreu em 1821); como oradora: *Eunomia*; como pintora: *europa angosciola*, e como polyglotta: *Euchrosia*.

(*Continúa.*)

CORREIO DOS SALÕES.

Dizem, e eu o sinto, que a cousa melhor que ha neste mundo é dormir quando se tem somno, comer quando se tem fome, e não trabalhar quando se está com a preguiça com que eu estou.

Mas não ha remedio senão dar noticias dos *salões*, a não querer sujeitar-me ao enfado de minhas leitoras, que naturalmente, ao receberem *Jornal das Senhoras*, hão de ir buscar novidades no correio.

Principiarei pela *Gargalhada*: representou-se no theatro de S. Pedro de Alcantara, poucos dias antes do Carnaval, e o Sr. João Caetano fez o papel de André. O theatro foi muito concorrido, vi muita moça feia nos camarotes, e havião

muitos *claqueurs* aborrecidos espalhados na platéa. O illustre actor esteve sublime no fim do 2. acto, e durante todo o 3.º: assim estivessem soffríveis os outros comicos! Mas, coitados! para que fallar mal delles? Basta-lhes a ruindade de que são dotados.

Passemos adiante – ao Carnaval. O Provisorio deu cinco bailes mascarados; o Paraíso, quatro; o *Club*, um; a *Nictheroyense*, dous; S. Pedro, parece-me que tres. Antes de tudo, elogios ao Sr. commendador João Caetano pelos esforços que fez para offerecer o melhor possivel ao publico os tres bailes mascarados que tiverão logar em *S. Pedro de Alcantara*. O theatro foi sempre esplendidamente illuminado, houve sempre uma boa orchestra, e no ultimo dia, dirá alguem, além dos encantos da noite, houve a loteria dos tres premios.

Mas *S. Pedro de Alcantara* não mereceu a honra de ter em seu seio as mais lindas *dilettanti* dos bailes *masquês*. — O Provisorio ahi está para negar-lhe essa pretenção, ahi está o *Club*, ahi está a *Nictheroyense*. Não fallo no Paraíso, porque como sempre, segundo o seu maldito defeito, esteve horivelmente ruim.

A proposito de bailes mascarados, quero contar-vos uma historia. — Não sei onde li, mas isso não prejudica ao caso, que um poeta, somnambulo, ou louco talvez, apaixonou-se por um *dominó* no tempo de Luiz XV, e por elle suicidou-se de paixão. A graça é que eu chamei o tal poeta louco ou somnambulo, e entretanto apaixonei-me como elle por um dominó azul; mas posso afiançar-vos (não tenhais cuidado) que não hei de ser tão tolo como o meu *bon-homme*, que quebrou os miolos desmiolados pelo amor. Mas a historia não é nada disso; é que o tal dominó azul, essa sombra adorada, esse corpo sem cabeça, tem-me feito *andar á roda* com uma palavra que me disse. — Disse-me que a mulher com quem eu sonhasse nessa noite seria a dona do dominó; e que tambem eu sonharia o logar do salão do Provisorio, o costume, e a hora em que no ultimo baile eu a encontraria.

Com effeito sonhei tudo isto, e na referida noite, no logar sonhado, á mesma hora, e com o mesmo costume, encontrei uma mulher mascarada. — Chamei-lhe pelo nome da moça que se me tinha apresentado no sonho, e ella perguntou-me por onde a tinha conhecido. — Conte-lhe tudo; a mascara chegou-se-me ao ouvido, e me disse em segredo que não a procurasse mais: de feito o fiz.

Hoje soube que essa moça não tinha sahido de casa, e que esteve muito doente.

Que tal a brincadeira, minhas leitoras! Anda feitiço nesse negocio.

Falta-me sómente tocar na Procissão de quarta-feira de Cinza: vós todas a tendes visto, foi uma bella tarde. — Bem dizem os rapazes que é nos dias de Procissão que se vê maior quantidade de moças bonitas.

Perdoai-me, minhas leitoras, se aqui paro: — já me vem chegando o tal ataque que me deixa sem falla toda a noite.

C....

A gota d'agua.
FABULA ARABE.

Uma gota d'agua cahiu das nuvens no meio do mar, e, vendo agitarem-se as ondas em seus profundos abysmos, disse com pena: « Ai! o que sou eu á vista desta immensidade? Hontem brilhava em as nuvens, e hoje a folha ligeira que fluctua sobre estas ondas é muito mais do que eu! » Porê m o rei dos Céos, tocado da sua humildade e tristeza, a depositou no fundo das aguas, dentro de uma concha, e ella veio a ser uma perola preciosa que por fim brilhava sobre a coroa de um poderoso rei.

Esta fabula, minhas amigas, é a flor dos preceitos.
Deus exalta os humildes.

Anecdota.

Um sугeito de provincia, vendo uma engommadeira que cuspia no ferro, perguntou-lhe por que fazia aquillo, ao que ella lhe respondeu — que era para ver se estava quente. Nesse mesmo dia, sendo o sугeito convidado a jantar em uma casa de cerimonia, logo que lhe servirão a sopa, cuspiu em cima do prato, e, como alguem lhe perguntasse admirado – porque fazia tal, respondeu muito lampeiro: *E' para ver se está quente, que assim faz a minha engommadeira.*

CHARADA.

Junto de ti te alimento,
E de ti posso ser cópia;
E vivo, e cresço, e sinto.

G. M.

A charada do n. ° 9 é: *Castorina*.

Acompanha este n. ° 10 uma Estampa com figurinos de *toilette* de baile e para theatro.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.

